

LETRAS E LETRADOS 2

O Dia – 01 de abril de 1937.

Uma coisa a notar, entre os nossos novos romancistas, é a fulguração originalíssima de estilo. Estilo livre, pouco pensado, nada castigado, mas espontâneo, vivo, irrequieto. O lado do essencial pesa mais, preocupa com mais paixão, absorve, domina. O romance nosso, atualmente, é bem mais fundo que forma, mais matéria-substância que exterioridades ostentosas. Veja-se, como exemplo, esse sr. Lúcio Cardoso, tão penetrante, tão contundente, tão pouco apegado a regras e bem mais humano que o finado sr. Coelho Neto. Veja-se também, como exemplo, esse invulgar sr. Jorge Amado, tão largado em suas descrições dos costumes baianos, tão indiferente à prosa artística, mas um assombroso construtor de realidades, bem mais real que o extinto sr. Aluísio Azevedo. Com isso não diremos que a boa arte atrapalha. Não, pelo contrário, caro leitor, ela faz bem, é como que um cartão de apresentação, sem ser, no entanto, o tudo. Estamos longe de admirar o desalinho lingüístico de tanto provinciano corajoso. O que achamos banal é o culto da forma pela forma, a religião da forma, a forma como fim. É contra a forma indispensável, corriqueira, batida pelos séculos, essa forma jornalística de todos os dias, que atiramos a nossa crítica. Escrever bem nunca foi defeito. Escrever demasiado, escrever sem a fiscalização de um raciocínio “racional”, é que não é de romancista. O nosso

único homem de letras do passado que vem subindo cada vez mais no conceito das gerações que se sucedem, Machado de Assis, nunca foi um torturado da forma. Foi um dominador do estilo. O estilo, como forma, foi o seu servo mais humilde. Estilo cheio de compostura. E o romance nacional moderno ganhou tanto prestígio, avançou tanto contra o supérfluo, contra o elemento paisagístico, aborrecido, interiorizou-se a ponto de criar um estilo próprio, uma forma adequada às descrições, sem apoquentar o espírito do leitor com minuciosidades, com inutilidades de redação bonita, com metáforas de efeitos imprecisos. “Pureza” é desse “tipo” de romance.

José Lins do Rego – PUREZA – romance

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

Romance lento, de fatos que se sucedem lentamente, mas de profundíssima atividade sentimental. Romance de contrastes emocionais. Uma verdadeira confusão de sentimentos ocultos que se revelam. Romance de momentos fatais, de fragmentos de vida, romance que nos traz presos ao seu desenrolar quieto, manso, inevitável. Romance onde há sangue e vigor. Romance sem complexidades. Romance que a gente acaba gostando sem querer, e quando chega ao fim, uma vontade louca nos sacode, que é a de ver continuar a vida daqueles personagens tão simples, tão banais, tão reais.

Porque a vida mesmo está na simplicidade. O outro lado não é o verdadeiro, é artificial. Essa é a atmosfera em que se desenvolve o último romance do sr. José Lins do Rego. Atmosfera permanente de ansiedade, de ânsia de vida, de temor da morte. De luta contra as forças da natureza. De sujeição ao que é fatal, ao inevitável, ao que se não pode deter. Instantes solenes de luxúria, de amor livre, de naturalidade amorosa, instantes que são pedaços da existência de qualquer um de nós. Tome deste livro, caro leitor, e, depois de pensar bem, veja se ele não corresponde a verdadeiros fragmentos de vida. O sr. José Lins do Rego, aqui,

aparece diferente. É bem outro sr. José Lins do Rego que estamos conhecendo. Como técnico na arte não avançou nem recuou, ficou no mesmo. Não pensem, no entretanto, que esse “Pureza” venha a ser um grande livro. Há nele um defeito: a presteza com que foi escrito. Isto é, um único defeito, a rapidez com que o autor, dentro de um ambiente conhecido, levantou os seus personagens. O livro corre como um rio manso. A vida dos personagens também. Nada de extraordinário há por fora. A luta toda é lá dentro daqueles corações em constante fúria amorosa. A figura principal do romance é um derrotado. Com o organismo minado por moléstias hereditárias, procura o mais possível viver para si, com medo de que aquelas doenças herdadas o liquidem. E a todo momento espera o final do qual não pode sequer fugir. Preso a um destino de escravo, criado afastado dos companheiros, cresce cheio de cuidados, com horror da própria vida. O desenlace o preocupa em seus momentos de parca felicidade. A morte habita permanentemente o seu corpo de doente, aquele corpo incapaz de um esforço qualquer de conservação. Aconselhado pelo médico, pelo mesmo médico que acompanhou até os últimos momentos o seu pai, sua mãe e sua irmã, retira-se para Pureza. E lá renasce para a vida. Não é descansando em cadeiras espreguiçadeiras, olhando o céu em seus instantes angustiosos de transe, vomitando sangue, mas em contato de força com a natureza bárbara. Dentro daquele cenário rústico, Margarida é um milagre da criação, milagre forte, sensual, milagre de mulher que sabe amar. A gente sem querer vai gostando de Margarida, da sua libertinagem sexual, da sua independência amorosa, e também sem querer vai tendo inveja de Lourenço. “O que eu tinha agora era outra alma. Não encontrava uma imagem capaz de me definir com exatidão. É preferível que eu fale da vida, que fale de Margarida, que vá falando de Pureza e de sua gente. É melhor deixar que a vida corra. Mas para mim parece que já existiam duas Purezas: a primeira, da solidão, dos silêncios, das cigarras tristonhas, do rio lá em baixo roncando, da família do chefe da estação. Esta Pureza me dera horas de inteira dissolução de mim mesmo. Entregara-me a ela, dependera dela, sofrera e me amargurara. Esta Pureza dera lugar a outra, a outra terra, a outra gente”. Mais um milagre do amor. Milagre de um homem que encontra, às portas da morte, um

sentido para a sua vida em perigo. Não quero falar da outra, a Maria Paula. Mulher artificial, sem características, sem vontade nem querer. “O amor de Maria Paula não se escondia, não se disfarçava. Desde que se olhava para ela, os seus olhos diziam quem era ela”. Esse “Pureza” é um livro que qualquer um pode ler com entusiasmo. Francamente, não acreditava o sr. José Lins do Rego, capaz de semelhante desvio. Imaginava-o preso aos velhos engenhos transformados em usinas, preso às senzalas dolorosas. “Pureza” é alguma coisa fora do comum no romance brasileiro. E dentro da obra do sr. José Lins do Rego, uma produção louvável de admirar. É por isso que aconselho a leitura de “Pureza”.

Os que pensam no Brasil, os que estudam principalmente, sentem uma dificuldade enorme para andar em dia no domínio da cultura. As obras sobre assuntos especializados rareiam entre nós. Em matéria literária, já vamos tendo algo com que nos divertir e preocupar. Em assuntos políticos ou sociais, ainda vamos vivendo de traduções mais ou menos pobres, de traduções interessadas. O que faz, no Brasil, um Pontes de Miranda, um Tristão de Athayde, um Oliveira Vianna ou então um Gilberto Freyre, é trabalho, que temos necessariamente de aplaudir. São obras de verdadeira cultura. Obras de pensamento seguro e orientação clara.

Lúcio José dos Santos - FILOSOFIA - PEDAGOGIA - RELIGIÃO

Comp. Melhoramentos de S. Paulo

O trabalho do sr. Lúcio José dos Santos, que acabo de ler, é dessas composições intelectuais que agradam pelo método, convencem pela lógica e atraem pela sinceridade das idéias. Isso não é de admirar em um escritor como o sr. Lúcio José dos Santos, acostumado às grandes lutas mentais, já como professor, já como homem público, já como técnico. É possível cogitar de Pedagogia sem Filosofia? Pode ou deve a Pedagogia desinteressar-se da Religião? É o ensino da Religião incompatível com os processos da Pedagogia? É o que se propõe estudar

o distinto professor mineiro, nesse alentado tomo de ciência especializada. Ninguém ignora hoje em dia, como até agora a história não ignorou, a importância da Pedagogia, fixando os motivos da educação e atendendo ao indivíduo a que se deve educar. E, dentro da Pedagogia, deparamos com dois problemas, distintos na forma e na essência, o primeiro de Ética e o segundo de Psicologia. “Mais como pedagogo que como filósofo, foi Sócrates condenado a beber a cicuta”. Onde se conclui, em rápida síntese, que a Pedagogia não prescinde da Filosofia, como mesmo a Filosofia, para completa realização, depende de uma orientação pedagógica. “Se a Pedagogia é inseparável de uma concepção do mundo e da vida, de uma Filosofia, ela toca muito de perto a Religião. Efetivamente a Religião reclama, como direito sagrado, a sua parte de intervenção no período, em que devem formar-se o espírito e o coração do homem”. E daqui parte toda a discussão política do problema geral que de perto afeta a vida da humanidade. A Rússia traz, como princípio básico de uma integral atividade social, normas pedagógicas cujo surto é de necessidade política, para a afirmação de ideais marxistas. E o combate à Religião que é quase a afirmação da sua existência, é feito por meio da Pedagogia, da qual lançam mãos os educadores, para dirigir a juventude no caminho do novo credo. “A finalidade, em educação, não é o conhecimento, mas a auto-realização. Possuir o mundo inteiro e perder o próprio EU é um destino tão trágico em educação quanto em religião”. E os russos, na luta de renovação vital, parecem não querer desconhecer essa lição admirável que vem de Dewey e encontra escoro seguro na própria realidade da vida humana. “Em sentido geral, diz Bernberg, a educação é uma geração moral. Nenhuma criança deve ser educada para outros fins senão os da sua própria existência e destino. O objetivo da educação deve ser o da própria vida. Ora, o homem não foi educado só para a terra, mas para a terra e para o céu. Educar significa agir sobre a criança para torná-la capaz de alcançar os seus fins”. No comum, acontece que o professor, a quem está incumbido o trabalho da educação de dezenas de crianças, “apanha aqui e acolá, em manuais sem o necessário desenvolvimento, em conferências de orientadores de competência duvidosa, aos fragmentos, aos

pedaços, Filosofia, Biologia, Psicologia, Pedagogia, lei biogenética, transformismo, reflexos condicionados, Sociologia, Rousseau, Pestalozzi, Dewey, Stanley Hall, Herbert, Kerschensteiner, Kilpatrick, etc., etc., ilude-se e entra na tentação do orgulho anárquico. Ilusão porque, com esse processo, não consegue alcançar a verdadeira ciência. Orgulho, porque passa a julgar-se o reformador máximo da sociedade, superior a tudo, proclamando até, como já o fez uma professora no Rio de Janeiro, a falência da família em educação. Anarquia, porque daí resultam o desejo e a preocupação de destruir, por imprestável, tudo que o passado nos legou, para fazer obra inteiramente nova”. Orientação séria é o que é preciso. Todo princípio jurídico supõe primariamente fundamentação filosófica. Para ser aplicado em suas linhas orgânicas, necessita, está lógico, de uma distribuição pedagógica das idéias que o devem realizar. “Filosofia-Pedagogia-Religião” satisfaz porque, além da clareza peculiar do autor, é um livro que delimita fronteiras científicas, procurando situar com critério os grandes problemas da humanidade civilizada. Distingue sem confundir, e nisto está o seu grande mérito intelectual.

Há, já hoje em dia, uma literatura do nordeste. Romancistas do nordeste, especuladores ou observadores do nordeste, sociólogos, poetas, novelistas do nordeste. E isso quase devemos ao surto de sucesso que aqui no sul foi obtendo a obra de ficção de um escritor como o sr. José Américo de Almeida. Até cronistas do nordeste...

Josué de Castro - DOCUMENTÁRIO DO NORDESTE
Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

E cronistas como o sr. Josué de Castro, que, deixando de lado por algum tempo os estudos de sua especialidade, como por exemplo os da alimentação no Brasil, vem mostrar ao leitor despreocupado os pedaços mais sugestivos, tristes

e amargurantes da sua terra natal, o Recife pitoresco. Vivemos ignorantes do próprio Brasil. Dele só conhecemos as grandezas esplêndidas. E nos esquecemos que por baixo destas grandezas há misérias e um povo angustiado, lutando contra um destino trágico inevitável. “Documentário do Nordeste” traz um conglomerado de cenas comovedoras. Um capítulo só vale por todo o livro. É aquele do “Ciclo do Caranguejo”. Vejamos este trechinho: “Começou o arrocho. Só havia uma maneira de desapertar: era cair no mangue: no mangue não se paga casa, come-se caranguejo e anda-se quase nu. O mangue é um paraíso, sem o cor-de-rosa e o azul do paraíso celeste, mas como as cores negras da lama, paraíso dos caranguejos. Com as pernas e os braços atolados na lama, a família Silva está com a vida garantida. Zé Luiz vai para o trabalho sossegado, porque deixa a família dentro da própria comida, na lama fervilhante de caranguejos e siris. Os mangues do Capibaribe são o paraíso dos caranguejos. Se a terra foi feita pró homem, com tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente pró caranguejo. Tudo aí é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excrementos e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo dos seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez”. Pena é que as outras crônicas, aquelas lá do fim, aquelas sobre literatura, sobre “Rondônia”, José Lins do Rego, Manoel de Abreu, etc., não estejam à altura das demais. São fracas e inexpressivas.

Estão mesmo deslocadas dentro do livro.